

Maioria de Putin?

Via [Punto de Vista Internacional](#)

Em 2 de fevereiro passado, Alexey Navalny foi enviado para a prisão por dois anos e oito meses. Legalmente, o veredicto não faz sentido: o tribunal substituiu sua sentença suspensa por uma sentença real por não ter contatado as autoridades na Rússia enquanto se recuperava do envenenamento por novichok na Alemanha. Politicamente, a prisão da Navalny é pior, já que veio logo após a tentativa fracassada de assassinato, e como interpretá-la senão como a “segunda melhor opção” para o regime? Este desprezo por sua imagem sugere que o Kremlin simplesmente não está disposto a tolerar mais as atividades da Navalny. Ele deve ser preso ou morto, independentemente das reações.

As autoridades adotaram a mesma postura abertamente conflituosa em relação aos protestos que se seguiram à prisão da Navalny. As cidades russas foram imediatamente inundadas pela polícia antimotim, Guarda Nacional, agentes “anti-extremistas” e inúmeras outras agências. Os centros de Moscou e São Petersburgo foram completamente fechados: veículos armados bloquearam as ruas, estações de metrô foram fechadas por “razões técnicas”. Os protestos de 23 de janeiro atingiram níveis recordes, quando pelo menos 4.000 pessoas foram presas em todo o país. Em 31 de janeiro, o número chegou a 5.700. Com centros de detenção superlotados com manifestantes, os novos detentos foram levados para um centro de detenção para migrantes na periferia de Moscou. A falta de celas é tão grave que centenas de pessoas passaram dias em veículos policiais sem poder comer ou dormir.

A última onda de resistência é sem precedentes em muitos aspectos. O estilo direto e populista da Navalny, que se concentra na corrupção das elites e seu apoio às demandas sociais (como o aumento do salário mínimo), tem atraído cada

vez mais pessoas do “coração” da Rússia para a órbita da oposição. A este respeito, os protestos no final de janeiro foram um ponto de inflexão. De acordo com a socióloga Alexandra Arkhipova, que organizou uma rápida pesquisa com mulheres manifestantes, 39% das 252 entrevistadas em Moscou e 47% das 454 em São Petersburgo estavam presentes em seu primeiro protesto. Nas regiões, o número de novos manifestantes parece ser maior. Vladimir Zvonovskiy, outro pesquisador que conduziu 20 entrevistas com manifestantes em Samara, afirmou que apenas algumas poucas pessoas haviam participado de tal reunião. A participação nas manifestações atingiu os níveis mais altos da história em muitas pequenas cidades.

Enquanto a investigação e prisão da Navalny provocou os protestos, apenas uma minoria de manifestantes pôde ser considerada totalmente “Navalnistas”. Segundo Arkhipova, 33% dos manifestantes em Moscou e 22% em São Petersburgo “confiam plenamente” na Navalny, enquanto a maioria (57% em Moscou e 64% em São Petersburgo) “tem alguma confiança” nele. Zvonovskiy relatou que alguns dos entrevistados não queriam substituir Putin por Navalny, mas mesmo assim anseiam por mudanças sociais. Estes resultados confirmam um fato óbvio: apesar da personalidade carismática e midiática da Navalny, os protestos nunca foram apenas sobre ele. Isto não pode ser considerado “seu” movimento. Em sua forma atual, a oposição russa é composta por jovens desafiadores, estudantes, trabalhadores e profissionais de colarinho branco de cada vez mais fora de Moscou.

O credo político que une estas diferentes camadas pode ser amplamente definido como “populista”. Desde o início de sua carreira, quando em 2000 ingressou no partido liberal Yabloko, a atitude da Navalny em relação à política e aos programas tem sido fundamental. O que une e expande o movimento é bom, o que semeia desacordo e afasta potenciais aliados é ruim. Isto contrastou fortemente com Griogory Yavlinsky, fundador e

eterno líder do Yabloko que sempre foi dogmático e intolerante, rejeitando qualquer coalizão com a esquerda (vista como herdeira do estalinismo) ou com outros liberais (vistos como responsável pelas desastrosas reformas de mercado dos anos 90, às quais Yabloko se opôs, favorecendo uma abordagem mais cautelosa e gradual). O desencanto da Navalny com o Yabloko – do qual foi expulso em 2007 – mostra não uma rejeição das ideias liberais, mas uma antipatia ao estilo antigo para os liberais russos, que são notoriamente relutantes em formar uma ampla coalizão.

Foi em busca de tal coalizão que Navalny começou a se alinhar com a extrema-direita no final dos anos 2000, apresentando uma imagem “civilizada” do nacionalismo russo ao abrir alianças com a oposição liberal. Mas no final de 2011, quando uma onda de manifestações de massa varreu o país, a Navalny reconheceu que o nacionalismo – que foi rejeitado pela maioria do movimento de protesto – não podia ser uma plataforma para a unidade. A partir daquele momento, ele começou a criar sua própria “máquina política”, uma plataforma fortemente personalizada baseada no confronto retórico entre “o povo” – sem representação política adequada – e a elite corrupta que consolidou seu poder na Rússia. Durante a década de 2010, esta atitude populista serviu de base para as investigações anti-corrupção da Navalny, que visavam não apenas oficiais do estado, mas oligarcas como Oleg Deripaska e Alisher Usmanov. Navalny fez campanha contra a aquisição de enormes riquezas através da privatização criminosa de empresas ex-soviéticas. Gradualmente, à medida que a crise econômica russa se aprofundava e os níveis de pobreza aumentavam, a Navalny se concentrava na desigualdade social e na crescente degradação do setor público. Um de seus últimos projetos emblemáticos foi com a Aliança dos Médicos, um sindicato independente que exigiu salários mais altos na assistência médica do estado e denunciou a falta de investimento em hospitais durante a pandemia.

Nada disso significa que a Navalny virou à esquerda: sua retórica sócio-populista e sua linha nacionalista anterior refletem seu pragmatismo. A visão de Navalny parece inalterada: ele defende um capitalismo “normal” com uma democracia em funcionamento, uma grande classe média e uma proteção social estatal capaz de aliviar a desigualdade de renda. Ele não parece se deter na dificuldade de alcançar esses objetivos em um país pobre e semiperiférico sem implementar amplas mudanças estruturais. Embora seus assessores econômicos estejam conscientes desta contradição e se proponham a resolvê-la com políticas neoliberais de livre mercado que deixariam menos espaço para proteção social e redução das desigualdades do que a Navalny prevê.

O populismo da Navalny sempre esteve ligado ao ativismo político: em cada um de seus vídeos ele pede a seu público que não permaneça como espectador passivo nas investigações anticorrupção, mas que tome as ruas e lute por mudanças. O próprio Navalny sempre esteve na vanguarda desta luta, que acarreta grandes riscos pessoais nas condições autoritárias da Rússia. Navalny foi preso e encarcerado por curtos períodos após praticamente todos os protestos de rua (no total, ele passou cerca de um ano atrás das grades), e seu irmão mais novo, Oleg, foi condenado a três anos de prisão por acusações falsas. A decisão da Navalny de voltar à Rússia e enfrentar penas de prisão indeterminadas é o último exemplo de sua disposição de pagar um preço pessoal por suas políticas.

É difícil prever como vão se desenrolar os atuais protestos de rua. Por um lado, as manifestações de janeiro viram surgir uma nova geração de ativistas prontos para embarcar em uma longa guerra de desgaste. Por outro lado, o furor em torno da prisão da Navalny está fadado a esgotar-se, e muitos manifestantes terão em conta a possibilidade de perder seus empregos ou ir para a cadeia. Entretanto, as tentativas das autoridades para suprimir o movimento – através da dura sentença de Navalny, a prisão domiciliar de seus principais associados e a

intimidação sistemática de seus apoiadores – concentram-se no sintoma e não na causa. Estas medidas se baseiam na teoria do Kremlin de que o protesto é meramente uma “tecnologia” importada do Ocidente, que pode ser derrotada com soluções técnicas e não políticas. Na realidade, a repressão estatal só adiará uma crise política iminente, que poderá ocorrer durante o ciclo eleitoral de 2021-2024.

As eleições da Duma em setembro serão decisivas para a reeleição de Putin em 2024. A estratégia do Kremlin para ambas as eleições se baseia no conceito da “maioria Putin”: uma massa silenciosa de apoiadores que garantirá o domínio parlamentar absoluto da Rússia unida, juntamente com outra vitória triunfante para o próprio Putin. Em todo caso, os protestos de janeiro semearam dúvidas neste bloco supostamente invencível, que é ameaçado não apenas por aqueles que saíram às ruas, mas por todos aqueles que assistiram à investigação da Navalny e expressaram simpatia cautelosa pelos manifestantes. A falta de perspectivas sociais, a queda na qualidade de vida provocada pela pandemia e a frustração com um regime político imóvel e irresponsável continuarão a diluir o apoio a Putin nos próximos anos. Isto criará uma nova configuração política na qual o atual sistema de “democracia guardiã” poderá se tornar insustentável.

Além dos protestos de rua, Navalny e sua equipe desenvolveram sua própria arma eleitoral – um esquema de votação tática altamente avançado chamado “votação inteligente”. Embora as eleições na Rússia sejam rigorosamente controladas através de fraudes eleitorais e da remoção de candidatos independentes, a extensão da má prática varia de região para região. Em muitos casos, é possível remover a Rússia Unida dos parlamentos locais votando no segundo candidato mais popular nos distritos de um único assento. Esta é precisamente a ideia por trás da “votação inteligente”: os votos mobilizados por Navalny serão adicionados ao segundo candidato com o apoio mais orgânico, produzindo uma vitória apertada frente ao candidato da Rússia

Unida. Naturalmente, o problema é que os outros partidos políticos russos geralmente não são menos subservientes ao Kremlin, portanto os benefícios de elegê-los são pequenos. No entanto, o apoio de Navalny semeia ambição entre os operadores de nível médio dos partidos existentes. Ironicamente, isto se aplica principalmente ao Partido Comunista da Rússia (PCRF), pois é o segundo partido mais popular nacionalmente e o principal beneficiário do voto inteligente. Gennady Zyuganov, o líder do PCRF, demonstrou sua subserviência covarde ao regime ao denunciar a Navalny e o movimento de protesto em janeiro, embora Valery Rashkin, o chefe do PCRF em Moscou, tenha rompido sua fileiras e defendido a Navalny contra a repressão. Os deputados comunistas do parlamento da cidade de Moscou até viajaram para o aeroporto para se encontrarem com Navalny em seu retorno à Rússia. A razão é simples: a “votação inteligente” aumentou a representação do PCRF na Duma de entre cinco a dez assentos para 45. A Navalny e sua equipe já prometeram desencadear este esquema nas próximas eleições parlamentares federais, em um movimento que poderia exacerbar a atual instabilidade.

A esquerda russa, principalmente sua ala radical e extraparlamentar, está se aproximando desta crise em um estado de fraqueza organizacional e divisão interna. Os protestos que começaram em janeiro revelaram mais uma vez as duas visões opostas da estratégia da esquerda. Segundo a primeira, Navalny e Putin são apenas representantes de diferentes frações da classe dominante, e as dezenas de milhares que saíram em protesto são, portanto, peões no jogo de outra pessoa. Eles deveriam ser radicalizados (sendo chamados para fora do protesto por pequenos grupos marxistas), ou simplesmente ignorados como irrelevantes para a genuína (mas atualmente ausente) luta de classes. A segunda posição, que a maioria dos ativistas de esquerda tomou, enfatiza a necessidade de participar do movimento de protesto democrático, tendo em mente que ele transcende a figura da Navalny. A composição dos recentes protestos, que têm atraído um grande número de novos

participantes cuja principal demanda é a justiça social, abre um espaço para ideias socialistas. Este movimento juvenil, focado na rejeição da desigualdade social e do privilégio da elite, é muito mais suscetível à esquerda do que, digamos, as manifestações de “eleições justas” de uma década atrás. Ninguém pode garantir seu sucesso; entretanto, entre o amplo espectro de manifestantes, há mais do que nunca uma demanda por democracia e socialismo.